

Leccionou português nos ginásios estaduais de Ribeirão Preto e de Campinas. Transferindo-se para São Paulo em 1924, ocupou por muitos anos o cargo de diretor da hoje extinta Biblioteca Pública do Estado. Finalmente, durante o período acima referido, lecionou na Faculdade de Filosofia na Cadeira de Filologia Portuguesa.

Foi também membro da Academia Paulista de Letras, ocupando a cadeira de que era patrono Júlio Ribeiro.

A sua obra literária foi imensa, incluindo livros, opúsculos e artigos de colaboração em jornais e revistas.

Entre os seus trabalhos mais conhecidos lembremos apenas: *Ensaio Linguístico*, *O pronome "se"*, *Lições de Português*, *O meu idioma*, *Comentário aos Lusíadas*, *Horas Filológicas*, *O lirismo grego*, *O amor que santifica* (romance), *Selvas e Choças*, *Historietas*, *Israel, sua terra e seu livro* (arqueologia bíblica), *Anotação ao livro dos Atos dos Apóstolos*, *O Evangelho de São Mateus*, *Temas espirituais*, *Do rancho ao palácio*.

Noticiando, com pesar, a sua morte, a *Revista de História* rende um tributo de homenagem a uma das inteligências mais brilhantes e cultas da nossa terra e a um incansável pesquisador, sempre empenhado em resolver problemas ainda não esclarecidos da filologia portuguesa, latina e grega, da exegese bíblica, da história e de outros ramos da cultura. Exemplo de seu talento de historiador sério e desbravador de documentos antigos, temos em seu livro *Do rancho ao palácio*, em que estuda alguns aspectos interessantes da civilização de São Paulo desde o século da descoberta.

Mas, com o seu desaparecimento, perde o Brasil não apenas um grande sábio, mas também um caráter adamantino e um homem de coração bondoso, de uma simplicidade cativante e de uma modéstia adorável. A sua memória ficará no coração de todos aqueles que o conheceram de perto como uma inspiração profunda e bendita.

TH. HENRIQUE MAURER Jr.

---

Professor Roldão Lopes de Barros

(1884-1951)

A Faculdade de Filosofia perdeu, em menos de dois meses, dois de seus professores, ainda no exercício de suas atividades, Aluizio de Faria Coimbra e Roldão Lopes de Barros, e o prof. Otoniel Mota, que fizera parte de seu corpo docente, como professor de Filologia Portuguesa, Aluizio Coimbra, colhido pela morte em plena maturidade, regia a cadeira de Língua e Literatura Grega e se preparava para a defesa de tese de doutoramento em letras e o concurso para provimento efetivo da referida cadeira. Licenciado pela Faculdade, assistente do professor De Falco, que inaugurou e professou por vários anos os cursos dessas duas importantes disciplinas, ascendeu à cátedra, como professor interino e, depois, contratado, por sua competência na matéria e pelos serviços prestados ao nosso instituto universitário no campo das letras clássicas. O prof. Otoniel Mota que consagrou a vida à educação da mocidade e ao ensino de português, era um mestre da língua e filólogo acatado em todo o país e em Portugal, no domínio dos estudos em que se especializou.

Com o falecimento de Roldão Lopes de Barros, professor de história e filosofia da educação, sofreu a Faculdade, em período tão curto, mais um rude golpe, que a privou do convívio e da colaboração de um de seus mestres mais antigos. Completava ele agora, em 1951, os seus 40 anos de trabalhos ininterruptos no magistério de que percorreu todos os graus, começando, aos 27 de idade, pelo ensino primário, para atingir, com escala pelo ensino médio, especialmente o normal, a alta dignidade do magistério universitário. Em su-

cessivos contatos com crianças, na escola elementar, adolescentes, em cursos normais e em ginásios, e jovens, em nossa Faculdade, mestre Roldão foi enriquecendo e alargando a experiência humana que para o ensino e a educação trouxera de suas atividades, profissionais e políticas, nas classes operárias. Teve, de fato, começos ásperos e difíceis; e de tipógrafo que foi, no início de sua bela carreira, galgou, por sua inteligência e seu esforço, todos os postos de professor e se habilitou para a advocacia, formando-se pela Faculdade de Direito de S. Paulo.

Mestre Roldão, que era fino apreciador da boa mesa, um *gourmand* de categoria que se dava ao luxo de preparar êle mesmo pratos especiais, foi também, como diria Cícero, um *heliuo librorum*, um devorador de livros. A leitura constituía, para êle, um de seus melhores prazeres e, ao que nos informam, foi o livro o que, por último, lhe caiu das mãos desfalecidas. Na solidão a que o condenou a moléstia, não se entretinha de outra maneira para quebrar o tédio. O gosto pela leitura a tal ponto o dominava que não lhe deixou tempo para escrever. Do repositório de erudição que acumulou, no convívio diuturno com os livros, de seus variados conhecimentos colhidos no manuseio constante de obras e revistas ou respigados aqui e ali em todos os impressos que lhe caíam sob os olhos, nada se fixou em letra de fôrma que nos desse a medida da sagacidade de seu espírito crítico, de sua larga experiência e da riqueza de suas lembranças. Toda a cultura que adquiriu, êle a disseminou em palestras com amigos e discípulos e em suas aulas, espontâneas, vivas e às vêzes vibrantes, a que transferia o gosto e a arte da conversação. *Exit qui seminat, seminare semen suum* ...

Mas o que caracterizava êsse leitor incansável, perdulário da cultura, era, sobretudo, a têmpera de lutador, revelada a cada instante na firmeza com que enfrentou as dificuldades e provações e esposou as causas nobres e belas. Onde se feria um direito, se praticava uma injustiça ou palpitava a chama de um ideal, lá estava mestre Roldão na estacada, como combatente de primeira linha. Foi um batalhador que nunca teve desfalecimentos nas lutas pela renovação educacional. Caráter firme, leal e generoso, era o dêsse admirável educador que tinha, no entanto, qualquer cousa de panfletário, nas suas explosões de revolta e de indignação. Mas tão desabusado nas investidas como acolhedor na intimidade, dêsses arrebatamentos provocados pelas injustiças humanas, não lhe ficava jamais um traço de ressentimento ou de rancor. Extremamente sensível e de alma boníssima, tão facilmente se exasperava diante do erro ou do mal, como lhe vinham lágrimas aos olhos, de complacência pela ternura de um amigo ou de piedade, em face do sofrimento alheio. Não se conhece ninguém que, tendo-lhe batido à porta, não tivesse sido acolhido de coração e braços abertos.

FERNANDO DE AZEVEDO.

---

DEFESA DE TESE APRESENTADA AO DOUTORAMENTO NA CADEIRA DE ECONOMIA POLITICA E HISTÓRIA DAS DOUTRINAS ECONOMICAS DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, PELO LICENCIADO JOSÉ FRANCISCO DE CAMARGO.

No dia 14 de junho p.p., realizou-se a defesa de tese de Doutorado do assistente da cadeira de Economia Política e História das Doutrinas Econômicas. Licenciado José Francisco de Camargo, perante banca constituída pelos Profs. Afonso de Taunay, primeiro professor da cadeira de História da Civilização Brasileira da Faculdade de Filosofia e antigo diretor do Museu Paulista, Teotônio Monteiro de Barros, catedrático de ciência das finanças das Fa-